

“MEMÓRIAS DE PROFESSORAS PRIMÁRIAS ITABAIANENSES (1956 a 1971)”

Enoque Bernardo da Silva
Universidade Federal da Paraíba (PPGE/Mestrando)
enoquebs@hotmail.com

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Este artigo tem a finalidade de apresentar três professoras que lecionaram no ensino primário público da rede estadual da Paraíba na cidade de Itabaiana, situada na região agreste, as quais são fundadoras de um grupo escolar no segundo lustro de 1950. Ele foi escrito com o uso da metodologia da História Oral. Essa metodologia é utilizada nas pesquisas qualitativas, e desde o século XIX começou a conquistar espaço nos meios acadêmicos das Ciências Humanas, ganhando força no século XX a partir da invenção do gravador a fita, em 1948, o qual passou a registrar a voz dos entrevistados e transformá-lo em documentos para futuros pesquisadores. Sobre História oral Albert (2006, p. 155) ressalta:

A História oral é uma metodologia de pesquisa e de constituição de fontes para o estudo da história contemporânea em meados do século XX, após a invenção do gravador a fita. Ela consiste na realização de entrevistas gravadas com indivíduos que participaram de, ou testemunharam, acontecimentos e conjunturas do passado e do presente. Tais entrevistas são produzidas no contexto de projetos de pesquisas, que determinam quantas e quais pessoas entrevistar, o que e como perguntar, bem como que destino será dado ao material produzido.

Trabalhar com História oral não é simplesmente sair entrevistando as pessoas por aí. Necessita que o pesquisador que pretende trabalhar com esse tipo de metodologia tenha conhecimento da história da mesma e sua importância para sua pesquisa. É necessário elaborar um projeto e definir claramente como vai utilizá-la. Ter domínio do conteúdo que pretende pesquisar. Saber quais pessoas vai entrevistar e o que elas têm a dizer sobre o que se pretende investigar. Outra coisa fundamental é organizar as perguntas de acordo com o objeto e conquistar a confiança do entrevistado. No corpo do projeto definir se vai trabalhar com História Oral de Vida, História Oral Temática ou Tradição Oral. Definidos esses passos é essencial paciência com o entrevistado e nunca induzi-lo a dizer o que não quer. Após ter escrito o projeto, definido o tipo de História

Oral que vai utilizar é partir para as entrevistas. Outro item relevante é escrever uma pequena biografia da pessoa ou pessoas que estão sendo entrevistadas.

Antes de se dirigir ao local onde vai entrevistar as pessoas ou a pessoa é imprescindível testar os equipamentos para ver se estão todos em ordem e de preferência utilizar mais de um, possa ser que o aparelho apresente algum defeito, o pesquisador já está prevenido. Sabemos que os melhores inventos dão defeitos, por isso todo cuidado é pouco.

Ao chegar ao local da entrevista é necessário que o ambiente seja favorável para ambos, entrevistador e entrevistado, longe de barulho, pessoas atrapalhando. O ambiente tem que estar em ordem para que o resultado do que se espera obter seja favorável, principalmente quando se trabalha com pessoas idosas, na minha pesquisa, por exemplo, que elas tiveram que recorrer a um passado muito distante, com o uso da memória. O historiador Le Goff (2003), diz o seguinte sobre a memória:

A memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passada.

Realizado a entrevista é ético ligar o gravador para que o entrevistado escute e ao transcrever levar para que a pessoa entrevistada veja o que ela falou e se a mesma quiser retirar alguma palavra que não gostaria que fosse publicado, o pesquisador tem que retirar. Após o entrevistado ter escutado novamente e visto de forma escrita o que disse oralmente, o pesquisador pode pedir sua autorização para publicá-lo, caso ele aceite é obrigatório que ele assine um documento acompanhado de testemunhas. Ele pode optar se quer se o nome apareça, ou apenas as iniciais ou até mesmo um apelido.

Então, seguindo essas orientações se baseando pelo livro **História Oral: como fazer, como pensar**, organizado por José Carlos Sebe Bom Muihy e Fabíola Holanda, publicado pela Contexto, em 2007 e o outro escrito por Verena Alberti, denominado **Manual de História Oral**, publicado pela fundação Getúlio Vargas, em 2005, parti para entrevistar as três professoras fundadoras do Grupo Escolar Professor Maciel, fundado em 1956 no governo de Flávio Ribeiro Coutinho.

Destarte, fiz assim para entrevistar as professoras itabaianenses para escrita deste artigo. Apresentei o projeto de pesquisa e solicitei através de um contato pessoal se as mesmas poderiam ajudar na realização dessa pesquisa, já que no momento desenvolvo a

pesquisa da dissertação do Mestrado em Educação da UFPB, tendo como objeto de pesquisa um grupo escolar, para isso procurei mostrar para elas a importância da pesquisa e da participação das mesmas, já que a documentação inerente ao grupo escolar que estou pesquisando tinha sido destruída e só através delas que era possível escrever a história desse estabelecimento de ensino. Elas ficando ciente que se tratava de algo sério, responderam que podiam, sim colaborar e marquei o dia da entrevista, mas antes de acontecer à entrevista foram necessários três contatos de preparação para a entrevista, isso porque se tratava de gravar a voz e era preciso deixar as entrevistadas com toda liberdade de pedir para parar a gravação, caso achasse que não tinha dito de acordo com a pergunta formulada. Utilizei a História Oral de Vida, imbricado com a História Oral Temática.

UM POUCO DO GRUPO ESCOLAR PROFESSOR MACIEL

O prédio onde funcionava o Grupo Escolar Professor Maciel foi construído no governo de José Américo de Almeida e inaugurado com o nome Grupo Escolar de Itabaiana, mas quando Flávio Ribeiro Coutinho assumiu o governo da Paraíba em 31 de Janeiro de 1956, no mês seguinte, mudou de nomenclatura o Grupo Escolar Camilo de Holanda, passando a se chamar Grupo Escolar Professor Maciel. Esse grupo escolar que foi mudado de nome funcionava no edifício onde em 1918 foi inaugurado como Grupo Escolar Padre Ibiapina, o primeiro de Itabaiana e conforme (MELLO, 1996, p. 84), o primeiro grupo escolar do interior da Paraíba. Com o novo grupo criado no governo que assumiu em 1956, ficou no antigo grupo escolar, só no mês de março através de um decreto estadual ele foi autorizado a ser transferido para sua nova sede, isso aconteceu em 08 de Março de 1956.

O referido estabelecimento destinado ao ensino primário público das crianças itabaianenses recebeu esse nome em homenagem ao personagem docente do romance regional, Doidinho, do ciclo da cana de açúcar, do escritor paraibano José Lins do Rego. O citado personagem foi uma pessoa real que conviveu em Itabaiana de 1908 a 1920, onde fundou um estabelecimento de ensino particular denominado Instituto Nossa Senhora do Carmo e que teve como um de seus alunos, quando criança, o citado escritor da Academia Brasileira de Letras.



Grupo escolar Professor Maciel- construído em 1955
Arquivo do Autor

AS FUNDADORAS DO GRUPO ESCOLAR PROFESSOR MACIEL

Tendo sido autorizada a transferência do Grupo Escolar Professor Maciel, para sua nova sede, todas as professoras também foram transferidas, onde receberam novas portarias publicadas no Diário Oficial do Estado da Paraíba. Na relação dessas professoras que foram trabalhar novo grupo, estavam outras de fora, como por exemplo, a professora Maria das Neves e Silva, que lecionava em outra escola. Vale salientar que eram oito professoras, mas só foi possível localizar três, são elas: Maria Celeste Fonseca, Severina Paes de Araújo e Maria da Neves e Silva, todas morando em Itabaiana- Paraíba. Realizei a entrevista com cada professora em datas diferentes, no entanto, antes dessas entrevistas mantive contatos com todas por mais de duas vezes.

Maria Celeste Fonseca:

A professora Maria Celeste da Fonseca cursou o primário no Colégio São José, na cidade de Itabaiana. Iniciou o Curso Ginásial no Colégio Nossa Senhora de Lúdes, na capital da Paraíba, depois foi transferida para o Colégio Santa Maria, em Timbaúba, onde ficou como interna, chegando a concluir o Ginásial. Quando começou a lecionar em 1954, não possuía nenhuma formação pedagógica, vindo depois no governo de João Agripino a cursar o normal para obter o título de professora primária. Com interesse de aprimorar seus conhecimentos cursou Pedagogia pela Universidade Federal da Paraíba. Hoje encontra-se aposentada e reside em Itabaiana.

Entrevista realizada em 13/05/2009.

Dona Celeste aonde e em que escola a senhora começou seus estudos?

Eu comecei meus estudos mesmo, em casa com minha Tia Lurdes, foi quem me alfabetizou. Ela não tinha o curso de professora, mas tinha o primário bem feito e ela foi quem me ensinou em casa a ler e escrever como dizia naquele tempo. Estudei na Carta de ABC, depois na Cartilha do Povo e quando depois eu vim para Itabaiana pra cidade, então eu vim para o Colégio São José, que era de Dona Marieta. Então aí, eu estudei o 2º e 3º ano, quando passei para o Colégio das Lourdinhas. Depois do Colégio Nossa Senhora de Lourdes eu fui para o Santa Maria de Timbaúba, porque no Colégio das Lourdinhas não havia internato e eu vivia na casa de família e meus não queriam mais que eu ficasse em casa de família. Então, lá em Timbaúba eu concluí todo o Ginásio.

Como foi que a senhora entrou para o magistério?

Quando eu terminei o Ginásio já estava noiva e não concluí mais os estudos, por conta do casamento, aí eu vim e fiquei em Itabaiana, foi quando eu fui colocada no Estado para ser professora, porque naquele tempo quem tinha o Ginásio era mesmo que ser formada em curso de professora. Eu fui convidada por seu Luiz Paulino da Silva, que nessa época era prefeito da cidade e era muito amigo dos meus avós e ele me convidou para trabalhar no Grupo Escolar Camilo de Holanda, o qual eu fui nomeada nos fins de 54, e lá no Grupo Escolar Professor Maciel eu lecionei de 1956 até 1968, mais de doze anos.

Onde a senhora estudou para formação de professora? (Escola normal? Curso de magistério? Instituto de Educação?)

Eu era leiga, não tinha o curso normal, foi então que chegou o governo de João Agripino e ele convocou todo professor leigo que quisesse fazer nos centros de treinamento de Alagoa Grande, o Curso Normal, que era feito no período de férias, quando eu terminei lá, passei a complementar o curso no Colégio Nossa Senhora da Conceição, então eu fiz mais dois anos e depois quando eu era diretora da “João Fagundes”, teria que fazer o curso de Pedagogia em Administração Escolar, então, eu fui para a Universidade Federal da Paraíba e fiz o curso de Pedagogia em Administração Escolar.

Que métodos pedagógicos eram utilizados pela senhora e pelas outras professoras do Grupo Escolar?

O método naquele era bem diferente de hoje, a gente chegava na classe, depois que rezava, cumprimentava os alunos e então começava com a leitura, fazendo a leitura aí, individual. Depois de

alguns anos foi que passou a se usar também a leitura coletiva, mas no começo era individual, cada menino lia, depois da leitura se fazia um ditado daquele texto que foi lido para gravar bem como escrever as palavras, aí tinha a gramática, aquela “partizinha” da gramática, não era tirada do texto, era feito de uma frase que a professora botava no quadro, copiava no caderno, como por exemplo, uma anotação léxica, aí eles copiavam aquela frase do quadro, ia analisar e a parte da Matemática, tinha a tabuada para estudar em casa, quando eles traziam a tabuada estudada em casa, aí a gente ia fazer uma pergunta das casas de tabuada, eles respondiam e aí colocava para fixação uma conta que era uma operação de somar ou diminuir ou multiplicar ou dividir e em seguida podia fazer um problema para eles resolverem para fixar justamente o raciocínio. História, Geografia e Ciências não eram dadas todo dia como Português e Matemática.

O regime militar de 1964 a 1985 influenciou na organização do grupo escolar? As fiscalizações aumentaram?

Sim, porque aqui foi uma localidade onde teve diversas pessoas presas por causa do movimento, como foi Francisco Almeida e Israelzinho, tinha o professor Biu de Nicássio, então isso, eram pessoas ligadas à educação e que faziam parte do movimento antirevolucionário, então ninguém podia evitar esse comentário na escola, porque Francisco Almeida mesmo era ex-aluno do “Professor Maciel” e tinha lá uma professora que era irmã dele e então, por conta disso, havia fiscalização, havia perguntas, havia indagações, que era da revolução, porque o poder que tava de cima, era o poder militar e a gente tinha que dizer que tava tudo certo, tudo bom, porque ninguém podia ir contra os governantes daquela época. Além de tudo o prefeito da época daqui de Itabaiana era o Doutor Hugo Saraiva, que era do lado de João Goulart e de Arraes, por isso, era muito visado aqui em Itabaiana, ele foi cassado e era uma pessoa muito popular, todo mundo gostava dele e ele tinha doado as cartilhas, porque o governo não mandava livros, e ele por necessidade da escola, ele doou cem cartilhas ao “Professor Maciel” pra o primeiro ano, e naquele dia primeiro de abril, que foi no dia depois da revolução, ele foi fazer a distribuição dessas cartilhas e então, todo mundo tomou conhecimento, que ia ser preso pela revolução e ele tinha doado esses livros. Então todo pai dessas crianças eram gratas a ele pelos livros e então ficou assim, todo mundo tomando conhecimento que o prefeito era contra a revolução, era contra os militares, aí, ele ficou numa situação melindrosa a escola, porque nesse dia mesmo ele saiu que tomou conhecimento da revolução lá no “Professor Maciel”, ele veio prá a Prefeitura que é no centro da cidade e aqui já estava preparado para prendê-lo e aí então, ele piorou a situação, porque ele foi aos correios e ainda passou um telegrama para Arraes e parece-me outro para Brizola não tenho certeza, mas aí, procurá-lo prende-lo e ele correu e se foragiu e não foi preso nesse dia, mas ficou foragido por muito tempo, depois foi cassado e quem assumiu o seu lugar foi seu vice, Dr. Everaldo Pimentel.

Severina Paes de Araujo:

É pernambucana, conhecida popularmente em Itabaiana- Paraíba por Nini Paes. Veio morar em Itabaiana quando tinha quatro anos de idade. Coursou o primário na Escola Santa Terezinha do Menino Jesus, estabelecimento particular onde funcionava como internato e externato. Concluindo o primário em Itabaiana, foi estudar na capital paraibana, João Pessoa, no Colégio Nossa Senhora das Neves, onde ficou com aluna interna chegando a concluir o Ginásial e o Colegial. Em 1944 formou-se professora primária pelo Instituto de Educação da Paraíba. Começou a lecionar na rede pública em 1948, primeiramente no Grupo Escolar Padre Ibiapina, depois no Grupo Escolar Camilo de Holanda e posteriormente no Grupo Escolar Professor Maciel. Lecionou no Colégio Nossa Senhora da Conceição, no Curso Normal, foi diretora do Colégio Estadual de Itabaiana. Querendo aumentar seus conhecimentos formou-se em Geografia pela FURNE (Fundação Universidade do Nordeste, hoje UEPB) e em Ciências pela Universidade Federal da Paraíba.

Entrevista realizada em 05/06/2009

Dona Nini aonde e em que escola a senhora começou os seus estudos?

Em primeiro lugar eu tinha em casa minha mãe, ela sabia corrigir muito bem a gente o português e gostava de ensinar, então ela me alfabetizou, com a Carta de ABC, sofri muito porque eu não tinha memória para desenvolver naquela época, não desenvolvia de maneira nenhuma, pensava minha mãe que eu preguiçosa para estudar, mas não era, com o tempo então, eu comecei a melhorar de sorte e sai da Carta de ABC, não queria saber nem que ela existia, passei para a Cartilha das Mães. A Cartilha das Mães, ainda muito difícil para soletrar, porque tinha que dizer a palavra, mas dizer soletrando para poder dizer, dizia, diga por cima, por cima dá para dizer a palavra correta. Então, eu fui muitas vezes de castigo, sofri um bocado, mas estou aqui. Daí, quando terminei essa cartilha entrei para o primeiro ano, primeiro livro e depois para o segundo livro. Quando eu estava nessa situação, aí eu já estava mais ou menos com uns oito anos, eu vim pra cidade, eu morava no sítio. Pai tinha uma prima carnal, Ana Paes Barreto e ela vivia só, então ele conseguiu que eu ficasse na casa com ela, servindo de companhia e ela me ajudando também a vencer e assim foi, fiquei na casa de Nina o tempo que eu precisei, eu fiquei lá. Daí por diante eu já me transferei para outra casa, era um colégio, chamado, Santa Terezinha, que funcionava aqui na frente do Coreto, na Praça Manoel Joaquim de Araújo, nº 25, era a casa grande, mais a outra era mais

além,era quase vizinha, passando uma casa se via a outra,a outra era a casa de morada da professora e servia de internato e junto o colégio que era conjugado com a casa grande de morada. A minha professora era Geracina Lins de Souza Filha, conhecida por Didi Lins, ela era uma professora das professoras, muito culta, muito boa, muito compreensiva, muito pontual, muito responsável. Então, eu terminei meu primário com ela, daí, eu fui para o Colégio das Neves, por intermédio dela e meu pai já estava meio assim comigo porque eu queria ser professora e ele não queria. Então eu consegui através dela, venci, e passei a fazer o exame de admissão no Ginásio, aí passei cinco anos no Colégio das Neves interna da primeira até a quinta série do Ginásio. Terminando o Ginásio eu queria o normal, então, nesse caso eu fiquei na escola, no antigo Liceu, lá me formei, depois de dois anos.

Como a senhora entrou para o magistério público?

No dia da minha formatura, o paraninfo, Rui Carneiro, prometeu a todos os formandos, porque tinha rapazes estudando conosco,que ninguém ficaria sem o emprego, sem uma escola para ensinar, resultado final foi que eu fiquei sem escola, eu não fui contemplada. Fiquei esperando, todos os meses eu ia ao Departamento de Educação procurava dá uma injeçãozinha, mas não havia jeito, os políticos andavam atrás de mim, porque eu era da UDN e eles eram do PSD, então nesse caso eles estavam vendo que eu queria vencer, então procuraram me prejudicar, mais o certo é que mais tarde eu consegui minha nomeação. Numa das vezes que eu fui com madrinha Didi ao Departamento de Educação, levei uma carta de Monsenhor Francisco Coelho que era o velho pároco daqui da cidade e gostava muito de mim, me deu uma carta em mãos para entregar a Carlos Coelho, entreguei. Carlos Coelho tinha sido meu professor na Escola do Curso Normal, então ele disse: eu não posso fazer nada por você agora, mas vamos esperar uns dias que eu lhe dou uma resposta. Depois de uma semana ou quinze dias foi estampado no jornal o meu nome, Severina Paes de Araújo, para o Grupo Escolar Padre Ibiapina, então lá me entregaram a quinta série do primário, fiquei ensinando e daí por diante passou para o Grupo Escolar Camilo de Holanda, como construíram um grupo lá perto do hospital, mas já fora da cidade chamado Professor Maciel eu fui com outras colegas minhas, nós fomos transferidas pra esse colégio, nós fomos então às primeiras fundadoras do Grupo Escolar Professor Maciel, aí, ainda ensinei pouco tempo, passei a ser diretora do estabelecimento.

Os líderes políticos locais interferiram na administração do Grupo Escolar quando a senhora foi diretora?

Interferiam e muito. Cada um com seu partido perseguindo os professores, trazendo até professores que não tinha necessidade nessa área, eles traziam, contanto que fizesse a perseguição do outro para sair. Fazia muito isso, e constava daqueles políticos que tinham da UDN e PSD. Esses dois partidos eram completamente inimigos um do outro. Eu era perseguida na diretoria do Professor Maciel.

Mas, eu tinha um amigo, Ivan Rabelo. Ivan Rabelo, então era amigo de Pedro Gondim, e Pedro Gondim estava substituindo um dos Borges, o velho Borges, estou esquecida, o nome dele. Então, esses que eram do PSD, tudo era contra mim, para me tirar e colocar seus favoritos, mas não conseguiram, não conseguiram, porque Ivam Rabelo foi a Pedro Gondim, porque eu mesma fui testemunha de uma vez, cheguei à secretaria, nesse tempo não era mais departamento, não lembro mais, eu cheguei lá e tinha uma pessoa no gabinete, a menina disse Dona Nini, a senhora não pode entrar agora, porque Mário Silveira está aí. Aí, eu pensei: já sei que tem carrego. Está certo, eu espero. Daqui a pouco saiu, e era Mário Silveira que estava no gabinete. Quando fui entrando, nesse tempo não era Dom Carlos Coelho, era outro, estou esquecida, me falha a memória no momento, quem era o diretor do departamento naquela época, então ele me perguntou: Que mal a senhora fez a Mário Silveira O mal que fiz a ele é que eu sou contra o partido dele, mas não falo dele e deixo para lá. Então o secretário disse: (...) esse homem, com uma equipe, vai constantemente ao palácio pedir para a senhora ser retirada, da direção do Grupo Escolar Professor Maciel, no entanto: Pedro Gondim fez uma proposta: (...) quero que vocês tragam por escrito o que vocês tem contra esta moça? Eles não foram mais lá. Por que Dona Nini? Porque não eram verdadeiros, porque eles não falavam a verdade.

Maria das Neves e Silva:

É itabaianense. Iniciou seus estudos na Escola Elementar de Campo Grande, localidade pertencente a Itabaiana. Terminado os primeiros anos começou a estudar no Grupo Escolar Camilo de Holanda. Começou a lecionar em 1950 na Escola “Elementar Mista de Pintado”, zona rural do distrito de Mogeiro, naquela época pertencente a Itabaiana. Não possuía nenhuma formação pedagógica vindo obter muitos anos depois, no Colégio Nossa Senhora da Conceição, onde obteve o Curso Normal. Lecionou no Colégio Nossa Senhora da Conceição.

Entrevista realizada em 27/05/2009

Dona Maria das Neves onde e em que escola a senhora começou os seus estudos?

Campo Grande, Escola Elementar de Campo Grande. Depois no Grupo Escolar Camilo de Holanda.

Como foi que senhora entrou para o magistério?

Eu acho que foi minha vocação de ser professora. Porque naquele tempo a gente tinha que escolher o magistério ou o comércio. Eu não queria ser do comércio, aí ingressei no magistério.

Onde a senhora estudou para formação de professora? (Escola normal? Curso de magistério? Instituto de Educação?)

No Colégio Nossa Senhora da Conceição, que é o curso Pedagógico

Que métodos pedagógicos eram utilizados pela senhora e pelas outras professoras do Grupo Escolar?

Quando nós chegávamos à sala de aula fazia a chamada, né, a frequência dos alunos, depois a leitura, era uma leitura coletiva ou individual, depois eram as atividades, como ditado, depois, foi, que veio uma história de treino ortográfico. E lá ia tomar a parte da Matemática, aquela tabuada, às contas no quadro e eles faziam no caderno, copiavam pelo quadro, faziam então, depois entregavam a gente para a gente corrigir de um a um, não se corrigia no quadro, eu mesma não corrigia não corrigia no quadro, eu corrigia no caderno, trazia os cadernos pra mesa, passava uma atividade para eles e ali eu corrigir, depois tomava uma leitura no outro dia, era uma leitura coletiva, entendeu? E também os deveres de casa, quando eles chegavam no outro dia o dever de casa entregava, a primeira coisa, entregava os deveres e aí eu ia corrigir, fazia a correção e assim continuava as aulas. Além do que eu já disse, então tinha as datas comemorativas, que a gente fazia os quadros, os cartazes, de Duque De Caxias, de Páscoa, do Natal, do dia Sete de Setembro, dia da bandeira, dia do índio. Todas essas datas comemorativas sobre a História do Brasil, sempre estava relacionada no ensino da gente, das professoras e outras atividades.

O regime militar de 1964 a 1985 influenciou na organização do grupo escolar? As fiscalizações aumentaram?

Sim, porque a gente não tinha liberdade, a gente seguia sempre o que a supervisora chegava e dizia, então, era tudo, como você sabe, era sempre militar, essas coisas.

Considerações Finais:

São essas três mulheres professoras que lecionaram em Itabaiana em grupos escolares e que jamais foram ouvidas para falar da época em que trabalharam nesse tipo

de estabelecimento público primário, com relação a ouvir as mulheres sobre seu trabalho, Burke (2002, p.77), afirma:

O trabalho da mulher foi, com frequência, desconsiderado pelos historiadores do sexo masculino especialmente porque – em um surpreendente exemplo do problema da invisibilidade – boa parte dele não foi registrada nos documentos oficiais, pesquisas de trabalhadores encomendadas e realizadas por funcionários do sexo masculino.

Com relação a trabalhar com História Oral com as professoras primárias que ficaram no esquecimento após se aposentarem, corroboro com Almeida (1998, p. 63), quando diz:

A história oral e a memória podem dar elevada contribuição para o resgate do papel feminino na História da Educação. A recuperação da memória de antigas professoras representa a recuperação da história de uma categoria profissional formada por uma maioria composta de pessoas do sexo feminino que tem se mantido ausentes da organização educacional e das instâncias decisórias, mas não do efetivo trabalho cotidiano. Uma ausência que pode, em parte, ser explicada pelo histórico costume de se fazer sempre uma história masculina, mesmo que nesta o papel das mulheres tenha sido determinante.

Cada professora entrevistada sentiu-se lisonjeada em saber que a fala delas estavam contribuindo para escrever a História da Educação, tendo como lócus o grupo escolar que elas fundaram em 1956 e que jamais imaginavam que o que vivenciaram e viram acontecer tivesse importância para a pesquisa, por isso, o estudo com a História Oral tem essas possibilidades em ouvir as pessoas, não importa a posição social que ela ocupa, mas que tenha algo a dizer pode-se citar como exemplo Ecléa Bosi, em **Memória e sociedade**: lembranças de velhos, em que procurou ouvir os idosos e outro trabalho relevante é o livro de Antonio Torres Montenegro, **História oral e memória**: a cultura popular revisitada, em que entrevista pessoas que participaram do movimento da Revolução de 1930 e que nunca tinham sido ouvidas para falar do que passaram durante o período da ditadura varguista.

Com essas professoras não foi diferente. Elas não estavam apenas no grupo para darem aulas e cumprir determinações expedidas pelos seus superiores, seja através de documentos oficiais ou orais, elas ouviam notícias dos acontecimentos que ocorriam no Brasil e no mundo e sofriam interferências da parte externa, visto que a escola não está isolada da sociedade. A metodologia de ensino que utilizavam era fiscalizada, os

conteúdos que repassavam na sala de aula e o que conversavam com as colegas de trabalho eram vigiadas, porque se falassem algo contrário ao regime militar e chegasse aos ouvidos das autoridades iam sofrer punição, era a época do “Vigiar e Punir”, Foucault (2009).



Algumas professoras do Grupo Escolar Professor Maciel. Da esquerda para a direita Maria Menina, Maria das Neves, Onelice Tavares Medeiros, Maria Celeste Fonseca, Maria das neves Alves, Eurídice Almeida e Severina Paes de Araújo (sentada). Arquivo Pessoal: Nini Paes.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **Manual de História oral**. 3.ed. - Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

ALMEIDA, Jane Soares de. **Mulher e Educação: a paixão pelo possível**. – São Paulo: Editora UNESP, 1998. - (Prismas).

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. – 3. ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BURKE, Peter. **História e Teoria Social**. Tradução: Klauss Brandini Gerhardt, Roneide Venâncio Majer. – São Paulo: Editora da UNESP, 1992. (Biblioteca Básica).

MACHADO, Charliton José dos Santos. [et al]; (orgs.). **Do Silêncio a Voz: pesquisas em história oral e memória**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2008.

ANBERTI, Verena. Fontes orais – **Histórias dentro da História**. In: Fontes históricas/ Carla Bassanezi Pinsky (organizadora). 2ed. – São Paulo: Contexto, 2006.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**: nascimento da prisão; tradução de Raquel Ramalhe. 36. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

Grupos Escolares: **Cultura escolar primária e escolarização da infância no Brasil** (1893-1971). Diana Gonçalves Vidal, (org). Campinas, SP: Mercado das Letras, 2006.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Tradução Bernardo Leitão...[et al.]. – 5ª Ed. – Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003.

MAIA, Benedito. **Governadores da Paraíba, 1947-1987**. João Pessoa. A União, 3ª edição, 1987.

MELLO, José Batista de. **Evolução do Ensino na Paraíba**. João Pessoa: A União, 1996.

MONTENEGRO, Antonio Torres. **História oral e memória**: a cultura popular revisitada. 6 ed.- São Paulo: Contexto, 2007.

REGO, José Lins do. (1901-1957). **Doidinho**: romance. 40ª Ed. – Rio de Janeiro; José Olympio, 2004.